

Notícia Principal

Joana Ramalhão: Numa democracia o povo tem que ter uma televisão defensora da sua língua e da sua cultura



Num momento em que a privatização da RTP é um dos temas mais abordados nas televisões portuguesas, fomos falar com quem trabalha na estação. Joana Ramalhão (inserir link para a notícia: Sociedade: "Ninguém vive sozinho premiado pela AMI"), jornalista há mais de 14 anos confidenciou-nos qual o ambiente que se vive antes da decisão do governo.

Durante os meses de Novembro e Dezembro, a privatização da RTP tem sido comentada pelos meios de comunicação social. Líder de audiências em informação, a estação portuguesa tem vindo a aumentar o seu protagonismo com programas de entretenimento e ficção. Joana Ramalhão afirma que dentro da estação os profissionais têm "a consciência de que fazemos boa informação" e que o facto de ser uma televisão pública os "Condiciona pela qualidade. Temos um cariz educativo muito forte, vincado e definido, e não devemos ser só nós a educar, no entanto temos [RTP] a obrigatoriedade de chegar a todos os lados e sermos ecléticos na arte, na cultura e na produção portuguesa".

A jornalista afirma sentir-se "espectante" enquanto trabalhadora, enfatizando que esse "é o sentimento fucral de todos os trabalhadores", enquanto aguardam a decisão final do governo português. Mas o medo e a preocupação estão também presentes nos estúdios. "Obviamente no dia-a-dia há conversas de corredor, há ansiedades e há medos e é normal que as pessoas estejam mais preocupadas."

Notícia Relacionada

Sociedade: “Ninguém vive sozinho” premiado pela AMI

São ainda muitas as crianças deixadas em casa de acolhimento. Criadas com as dificuldades das associações, estes jovens aos 18 anos têm de abandonar a casa a que chamaram lar. Fomos conhecer uma jornalista da RTP que se interessou por estas crianças e desenvolveu um projecto premiado pela AMI.

Joana Ramalhão é a autora da reportagem “Ninguém vive sozinho” premiada pela AMI-Jornalismo contra a indiferença. A jornalista admite que com estes jovens “há sempre uma barreira difícil de quebrar e dependendo da história que têm, essa barreira torna-se cada vez mais espessa.” “Com algumas das crianças foi necessário fazer um trabalho mais íntimo, para que elas confiassem em mim e percebessem que o meu trabalho ali não era por mais nada, a não ser ouvir a sua história e poder contá-la”.

As associações visitadas pela equipa de Joana Ramalhão eram maioritariamente mistas, o que se tornou também um desafio como nos confidenciou “Não se consegue criar uma empatia imediata com as crianças. Principalmente os rapazes tinham uma maior dificuldade em conversar do que as meninas, e isso levou-nos a abordá-los mais do que duas e três vezes”. A importância do afecto e do tacto são fundamentais em momentos como os que Joana Ramalhão presenciou.

Acima de tudo, a repórter tinha como objectivo principal “conseguir que a história de vida destas crianças fosse vista e ouvida por outros com meios para as resolver”.